

Bairros de pólvora

Estudo feito entre 2004 e 2006 já alertava para os perigos da violência e tráfico de armas na Quinta da Fonte

Paula Cardoso
paula.cardoso@sol.pt
Sónia Graça
sonia.graca@sol.pt

UMA ARMA por habitação – este é o cenário admitido pelas autoridades para a realidade que hoje se vive na Quinta da Fonte, em Loures. No bairro, às portas de Lisboa, que foi palco de um dos piores episódios da criminalidade em Portugal, o tráfico de armas cresce de forma descontrolada e a Polícia revela-se cada vez mais impotente para enfrentar o problema.

«As comunidades locais têm tanta facilidade em comprar como em desfazer-se do armamento, o que se agrava porque a população é muito errante», disse ao SOL uma fonte policial.

Este é um problema que se vem agravando, pelo menos, desde 2004. «As imagens de violência da semana passada não me surpreenderam», revela o geógrafo Jorge Malheiros, comentando os recentes ti-

roteios que opuseram ciganos a africanos na Quinta da Fonte.

Este especialista estudou a realidade do bairro enquanto coordenador da investigação 'Espaços e expressões de conflito e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não

Os conflitos agravam-se desde 2004

migrantes na área metropolitana de Lisboa' e, durante o trabalho de campo feito em 2004, ficou bem patente «a hipótese de erupção da violência», garante.

Segundo Jorge Malheiros, «havia já indícios fortes de uma tensão latente, envolvendo grupos de jovens, ligados ao tráfico de droga e de armas».

Apesar de a investigação – promovida pelo Observatório da Imigração do Alto

Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural e desenvolvida pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa – ter sido apresentada no ano passado, o geógrafo nota que os problemas diagnosticados espelham décadas de políticas sociais erradas.

A partir de dezenas de entrevistas a moradores, polícias e técnicos, Sandra Silva, umas das sociólogas que colaboraram no estudo, concluiu que «todos conhecem bem a problemática do tráfico de armas» no bairro. E acrescenta: «Já em 2004 existia a percepção de que o bairro é um barril de pólvora prestes a explodir».

Mas a preocupação está longe de se esgotar no perímetro da Quinta da Fonte. Segundo adiantou ao SOL fonte policial, o «tráfico de droga e de armas ilegais estende-se a outros bairros» do concelho.

«Sabemos que há armas porque, na passagem de ano, disparam

para o ar e de manhã o bairro está crivado de balas», conta José Alves, presidente da Junta de Freguesia da Apelação, em Loures.

À procura de alternativas

Este diagnóstico reflecte-se na lista de zonas problemáticas que a PSP já sinalizou em Loures – os bairros da Torre, da Serra, da Vitória, das Sapateiras, as Torres da Bela Vista e o bairro da Cidade Nova. A convivência de várias etnias e as diferenças culturais servem quase sempre de base aos conflitos (ver infografia).

O retrato enquadra-se na ocorrência, esta quarta-feira, de outro tiroteio em Loures, desta vez na Quinta das Sapateiras, entre dois grupos ciganos.

«Os conflitos típicos dos bairros sociais não se resumem a uma questão de mera convivialidade», afirma Carlos Barbosa, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Segundo este sociólogo, a problemática



No bairro da Quinta da Fonte, em Loures, os agentes da PSP vigiam todos os movimentos e brincadeiras dos jovens africanos. Comunidade cigana está agora em franca minoria

«não está nas pessoas, mas nos contextos onde estão inseridas».

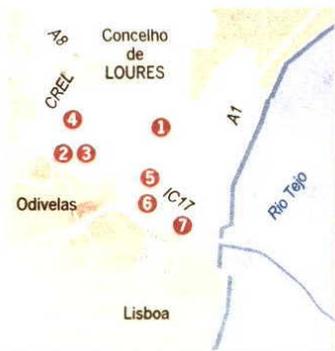
Na Quinta da Fonte, os confrontos já levaram à vandalização de nove habitações, de acordo com o último levantamento da Câmara de Loures. «Até Setembro, as obras de recuperação deverão estar concluídas», adiantou José Pedro Domingos, vereador da Habitação do município. A intervenção vai custar 135 mil euros.

Já quanto aos pedidos das famílias ciganas para abandonarem o bairro, por alegadas ameaças à sua segurança, a Câmara garan-

te realojar as pessoas noutros pontos do concelho está fora de questão.

A posição camarária promete incendiar ainda mais os ânimos: esta quinta-feira, 73 famílias ciganas voltaram a concentrar-se em frente ao edifício da Câmara para contestar a decisão de ficarem alojadas numa tenda na Quinta da Fonte. Isto depois de, na semana passada, o 'acampamento de protesto' lhes ter garantido tecto provisório num pavilhão de São João da Talha.

Os conflitos nos diversos bairros sociais do país são reconhecidos pelo Governo que, até 2013, espera im-





JOSE SERGIO

plementar uma nova política de realojamento.

Jorge Malheiros explica que «as novas propostas [inseridas no Plano Estratégico de Habitação] são muito interessantes na medida em que prevêem medidas alternativas como a compra de habitação no mercado para posterior alojamento de grupos mais desfavorecidos». A ideia, explica o geógrafo, é fugir à habitual política de «amontoar as pessoas em caixotes e gavetas».

O princípio – de distribuir mais a população, em vez de concentrá-la em

aglomerados construídos nas periferias das grandes cidades –, aplica-se há anos no concelho de Cascais. Reconhecido como uma excepção à regra do 'encaixotamento', o município defende os méritos da sua estratégia.

«Em vez de construirmos grandes bairros apostamos numa pluralidade de pequenos alojamentos, o que favorece a integração das populações», disse ao SOL o presidente da Câmara de Cascais, António Capucho.

O autarca destaca também a importância de manter o acompanhamento das

populações depois da entrega das casas: «Por vezes as pessoas não sabem usar os recursos que têm nas habitações, havendo necessidade de fornecer noções básicas».

'Ninguém quer saber'

Na Quinta da Fonte, o ambiente é desolador. Carros destruídos, janelas e vidros partidos acumulam-se pelas ruas sem saída. Na avenida principal, jovens africanos matam o tempo encostados à parede ou sentados em passeios. Um grupo de amigos diverte-se com uma

espingarda de plástico, que ao longe, parece real. A brincadeira acaba quando um polícia manda recolher o objecto.

«O bairro está ao

Nove casas do bairro foram vandalizadas

abandono porque ninguém quer saber disto», acusa Maruca, jovem de 24 anos, que está ilegal há dois e sem perspectivas de

trabalho. «Apenas 10% da população tem emprego fixo e os restantes dependem de subsídios» – lembra a propósito Sónia Paixão, do gabinete dos Assuntos Sociais da autarquia.

Rui, guineense e pai de quatro filhos, diz que gosta de viver no bairro, mas não descarta a hipótese de sair se a situação piorar: «É preciso segurança e a Polícia só vem quando acontecem cenas». De facto, a PSP está agora de plantão no

bairro, onde vai permanecer até a situação acalmar. Mais do que a presença policial, Eduardo Amaro, um dos técnicos que a Câmara tem no terreno, acredita na importância dos projectos sociais para «motivar os jovens e unir a comunidade».

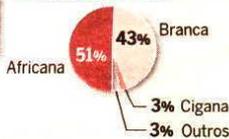
Isaias, cigano de 24 anos, é a prova viva disso mesmo. Mora no bairro há 10 anos, é casado, tem um filho e garante que nunca teve conflitos com a outra comunidade: «Andei com eles na escola, nunca tive problemas. Se eu for um cigano civilizado, não há confusão».



Quinta das Sapateiras

Freguesia: Loures
Habitantes: 838

Comunidades



Problemas

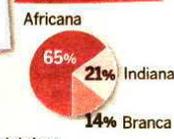
- Tráfico de droga
- Tráfico de armas
- Desacatos entre vizinhos (alcoolismo)



Quinta da Vitória

Freguesia: Portela
Habitantes: 585

Comunidades



Problemas

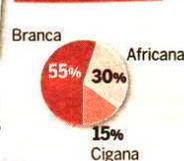
- Tráfico de droga
- Tráfico de armas
- Desacatos entre vizinhos nos cafés do bairro



Bairro da Torre

Freguesia: Camarate
Habitantes: 663

Comunidades



Problemas

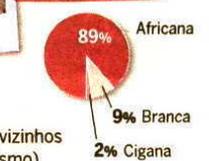
- Tráfico de droga
- Tráfico de armas



Quinta da Serra

Freguesia: Prior Velho
Habitantes: 999

Comunidades



Problemas

- Assaltos
- Desacatos entre vizinhos (ligado ao alcoolismo)